

Comissão já é realidade

Sheila Dunaevits

A criação da comissão que esboçará o anteprojeto da Constituição já é tida como realidade para seu secretário-geral, Mauro Santayanna, assessor do ministro Fernando Lyra. Ele diz que a comissão não representa só a vontade manifesta de Tancredo, mas também a de importantes segmentos sociais, neste momento político.

Segundo Santayanna, não houve tentativa da parte do deputado Ulysses Guimarães de esvaziar a proposta de criação da comissão, conforme fazem crer as últimas declarações do presidente da Câmara. "Em minha opinião, pode estar havendo algumas divergências, já que o tema é muito polêmico. Além disso, tanto ele quanto o presidente Sarney, parecem preferir ater-se à rotina política, que passa primeiro pela convocação da Constituinte", explica o assessor.

"A convocação, em primeiro lugar, garante o cumprimento das diretrizes do governo e tem até certa lógica, pois permite ao Legislativo e aos próprios constituintes, tomarem conta de todo

o processo, do primeiro ao último passo", assinala Mauro Santayanna.

De acordo com ele, a palavra elitismo vem sendo usada e aplicada à Comissão sem muito critério. "Revoluções também se fazem com elites", lembra ele, salientando que as entidades, como a OAB, que tanto repetem essa acusação, têm o recurso de fazerem seus representantes emplacarem nas eleições de 86. "Seria uma maneira de participar decisivamente da elaboração da Constituição, fora o recurso da própria OAB apresentar seu anteprojeto sobre a matéria".

Quanto ao prazo que a Comissão teria para entregar sua proposta — 15 de novembro deste ano — poderá ser dilatado em função do atraso dos trabalhos. Santayanna revelou, ainda, que a despeito do presidente Sarney ter o direito de decidir aos cuidados de quem ficará a Comissão, é inconcebível que só o Ministério da Justiça cuide da questão. "O que podemos é oferecer todas as nossas condições, nossa infra-estrutura, para facilitar os trabalhos", pensa o secretário geral.